

ZOELAS E CIVITAS ZOELARUM: UMA UNIDADE ÉTNICA NO QUADRO DA ROMANIZAÇÃO DO NOROESTE

por

Francisco de Sande Lemos*

Resumo: 1. Zoelas: habitat; território; ecologia.

2. Civitas Zoelarum: limites; organização do espaço; centros e periferia; estrutura económica e rede viária; epigrafia e estrutura social.

3. Formulações de ordem teórica sobre a dinâmica de mudança no quadro global de inserção de unidades étnicas numa estrutura imperial.

Palavras-chave: Paleo-etnologia. Proto-história. Romanização.

Os Zoelas, devido à circunstância de serem mencionados por Plínio e de estarem registados em vários textos epigráficos (CIL II 2606, 2633, 2651 e 5684), designadamente na célebre *tabula* de Astorga (CIL II, 2633), são um dos povos mais citados na bibliografia sobre a Proto-História do Noroeste Peninsular. As alusões a esta hipotética etnia relacionam-se, quase sempre, com o referido pacto de hospitalidade, cujo conteúdo suscitou dilatadas interpretações (GONZÁLEZ RODRIGUEZ 1986; SANTOS YANGUAS 1985, 131-154; 1989; ALBERTOS FIRMAT 1988, 26) sobre a estrutura social dos povos indo-europeus organizados em *gentilitates*, entre os quais os Zoelas se incluiriam. Por outro lado, no âmbito dos estudos de História Antiga, a determinação do posicionamento geográfico da *civitas*, que corporizaram, é decisivo para a cartografia dos limites entre a Tarraconense e a Lusitânia.

Nos mapas paleo-etnológicos (TRANOY 1981; PEREIRA MENAUT e SÁNCHEZ-PALÊNCIA 1991) a depressão de Bragança tem sido considerada como a área nuclear dos Zoelas, já que em Castro de Avelãs (uma pequena aldeia situada cerca de três quilómetros a sudoeste daquela cidade), foi descoberta uma ara consagrada ao deus *Aernus* pela *Ordo Zoelarum* (CIL II 2606, ENCARNAÇÃO 1975, 79-80; TRANOY 1981, 296). Foi, também, encontrada uma segunda ara

* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

de um catálogo com centenas de sítios cartografados (LE MOS 1993b).

Encontram-se, pois, reunidas as condições mínimas para se avançar no estudo de uma possível etnia, articulando dados arqueológicos e epigráficos, devidamente contextualizados. A vantagem deste tipo de abordagem reside na possibilidade de se detectarem os aspectos singulares que constituem a essência da História, a par das diferenças que individualizam povos e etnias.

LIMITES

Para desenhar os mapas paleo-etnológicos os autores fundamentam-se, quase sempre, nas fontes clássicas e na epigrafia latina. Ora, não é pacífico afirmar que os territórios das *civitates* estabelecidas pela *pax* romana, corresponderam exactamente às anteriores fronteiras dos *populi*. No instável contexto dos três últimos séculos a. C. houve movimentos de povos (ou de fracções), fases de contracção ou expansão das etnias, envolvidas em conflitos e complicados jogos de alianças. Neste quadro a localização exacta dos povos mencionados pelos autores clássicos ou referidos em epígrafes, votivas ou funerárias, é um problema permanentemente em aberto. No caso dos Zoelas os achados de Castro de Avelãs constituíam um ponto de referência elucidativo para o seu posicionamento no mapa do Noroeste Peninsular. Aconteceu, porém, que a aldeia foi mal localizada na carta de Kiepert (CIL), sendo assinalada muito para leste de Bragança, para lá do rio Sabor. A partir de então, o vale deste rio, que desce da serra da Sanábria até ao Douro, quase sempre em sentido norte sul, insinuou-se como uma fronteira ideal, pelo que, durante muitos anos foi indicado como limite oeste dos Zoelas. Alain Tranoy (1981, 159-160) detectou o erro e propôs um novo limite oeste: a cadeia de montanhas de média altitude que se estende entre a serra de La Segundera e o vale do Douro (serras da Coroa, de Nogueira, de Bornes e planalto de Anciães). Jorge Alarcão, tendo por argumentos, a ara erigida à *civitas Baniensium*, descoberta em S. Mamede - Baldoeiro (Vale da Vilariaça) (CIL II, 2399; VASCONCELOS 1896, 168-172; TRANOY 1981, 319; ALARCÃO 1988b, 45-46), a lápide da Ponte de Alcântara, bem como o posicionamento da ara consagrada a *Aernus*, encontrada nos contrafortes meridionais da Serra de Bornes (CIL II, ENCARNAÇÃO 1975, 79; ALARCÃO 1988b, 42), contestou que o território dos Zoelas se estendesse até ao Douro (ALARCÃO 1988a). Na sua interpretação o limite meridional deste povo seria o maciço montanhoso de Bornes, a sul do qual existiria um outro povo, os Banienses. A bibliografia de língua castelhana, no geral, permaneceu indiferente a estes sucessivos contributos, de tal modo que em textos e mapas muito recentes, os Zoelas são cartografados a leste do rio Sabor (LOMAS SALMONTE 1989, 40; SANTOS YANGUAS 1989, 113; RABANAL

influência sub-atlântica e mediterrânica. A pluviosidade, elevada no extremo norte, nas zonas montanhosas, decresce rapidamente nos sentidos sul e leste. Na depressão de Bragança a precipitação anual varia entre 1000 e 800 mm (clima muito húmido a húmido), enquanto que o extremo leste do planalto de Miranda, onde terá existido um outro importante aglomerado dos Zoelas (Castelar de Picote), se insere na curva de 600 mm (clima sub-húmido seco).

A área de maior densidade de povoados coincide com a depressão de Bragança e zonas circundantes, onde cambissolos úmbricos e fluvissoles disseminados, possuem baixos valores de Ph, devido ao sub-estrato rochoso formado por rochas básicas e ultrabásicas. Esta circunstância favorece o tempo de regeneração do coberto arbustivo e arbóreo, um aspecto vital para a economia proto-histórica, como adiante veremos.

POVOAMENTO PROTO-HISTÓRICO

No território dos Zoelas foram inventariados numerosos povoados, dos quais 150 em território actualmente português (LEMOS 1993b) e os restantes no ocidente da província de Zamora, na Terra de Aliste e nas cabeceiras dos rios Maçãs, Tuela e Rabaçal (ESPARZA ARROYO 1987; 1990). Desta numerosa série de castros (utilizamos a palavra castro no estrito sentido de povoado fortificado, sem qualquer significado cultural) apenas dois foram objecto de escavações. Há, pois uma enorme desproporção entre povoados inventariados e escavados. Esta circunstância limita muito as conclusões que se podem esboçar sobre o povoamento proto-histórico. Recolhas de superfície, efectuadas em diversos outros castros, ajudam a completar o quadro cronológico e cultural obtido nas escavações.

Angel Esparza Arroyo (1986) considera que a primeira Idade do Ferro corresponde ao avanço para leste da Cultura de Soto de Medinilla. A datação dos níveis mais antigos de Sejas de Aliste situam-se no século V a. C.. Esta hipótese parece obter confirmação nos resultados das sondagens efectuadas por Consuelo Escribano Velasco no Castillo de Manzanal de Abajo, na zona de Sanábria, na bacia superior do rio Tera. Neste povoado os níveis de fundação da muralha datam do século VI a. C. Num povoado, com assentamento análogo ao do Castillo de Manzanal e estrutura defensiva semelhante (incluindo fossos e pedras fincadas), o Monte de Santa Comba, sobranceiro ao rio Tuela, recolhemos cerâmicas com decorações e fabrico bastante característicos. Já em Muradellas de Lubián, outro povoado sobranceiro ao Tuela, embora situado muito mais a montante, e com características de assentamento e defensivas diferentes, as datações obtidas reportam-se ao século III a. C.

Angel Esparza Arroyo não chegou a ensaiar uma tipologia dos povoados que

de aproveitamento dos fluvissoles, quer para o cultivo de leguminosas e de plantas que exigem humidade como o linho, quer para a pecuária, mediante drenagem pelo sistema de prados de lima; recursos cinegéticos, incluindo fauna de maior porte, que se refugiava nas florestas que revestiam as vertentes dos principais rios; a prática do sistema de roças nos solos planáticos, para os cultivos de sequeiro; uma pastorícia controlada de acordo com a recuperação do coberto vegetal, na sequência das queimadas. Em suma uma estrutura agro-silvo-pastoril elaborada e adaptada ao quadro climático da primeira fase do período sub-atlântico.

Os dados palinológicos e arqueológicos recolhidos nas escavações do Cerco de Sejas de Aliste concordam com o quadro económico resultante da análise da estrutura territorial (BOYER-KSEIN 1987; CROUZEL 1987). Mas, é indispensável que se multipliquem as recolhas de indicadores paleo-climáticos, para que se possa gizar uma imagem mais fidedigna da paisagem que circundava os numerosos povoados do povo Zoela.

Por outro lado, deve assinalar-se que a distribuição dos *habitats* não é uniforme, apesar de extensiva, ou seja, não se processa por igual, mesmo nas zonas em que se verificam condições geomorfológicas e edafológicas homogéneas. Observam-se manchas de maior densidade, “cachos” de povoados, a par de espaços vazios. É possível que alguns dos núcleos de maior densidade estejam relacionados com actividade mineira (exploração de jazidas secundárias de estanho) pois coincidem com extensas e significativas ocorrências minerais (por exemplo, na zona do Cerro das Penhas Juntas; ou na faixa estanhífera de Argoselo). Mas, na generalidade, interpretamos os aglomerados de sítios como grupos de povoados ligados entre si por laços de parentesco e os espaços vazios como territórios de exploração comum, pelos castros dependentes de uma mesma linhagem. Eventualmente, esses conjuntos de povoados possuiriam relações de conflito com os grupos de povoados próximos, provavelmente pelo controlo dos espaços que os separavam, espaços estratégicos para o aumento da produção cerealífera ou para a pastorícia. Estas relações de instabilidade e conflito inter-comunidades explicariam as poderosas muralhas que protegem mesmo os mais pequenos povoados. Justificariam, também, os mecanismos de alianças entre linhagens, como processo de resolução dos antagonismos e, ou, de formação de entidades mais vastas agrupando linhagens, em disputa, no seio da mesma etnia. Por certo uma das fracções mais poderosas, devido à maior densidade populacional, favorecida pelas condições ecológicas e edafológicas preveligiadas, seria a linhagem que dominava a depressão de Bragança. Aí situamos, como hipótese, alvitrada com as necessárias reservas, ter sido a sede da *gens Zoelarum*. Por ora, não dispomos de quaisquer elementos que nos permitam cartografar as outras linhagens mencionadas no pacto de Astorga (*Desonci; Tridiavi; Avolvigi; Cabruagenigi*). Aliás, os achados de objectos de prestígio, relacionáveis com a Idade do Ferro, são prati-

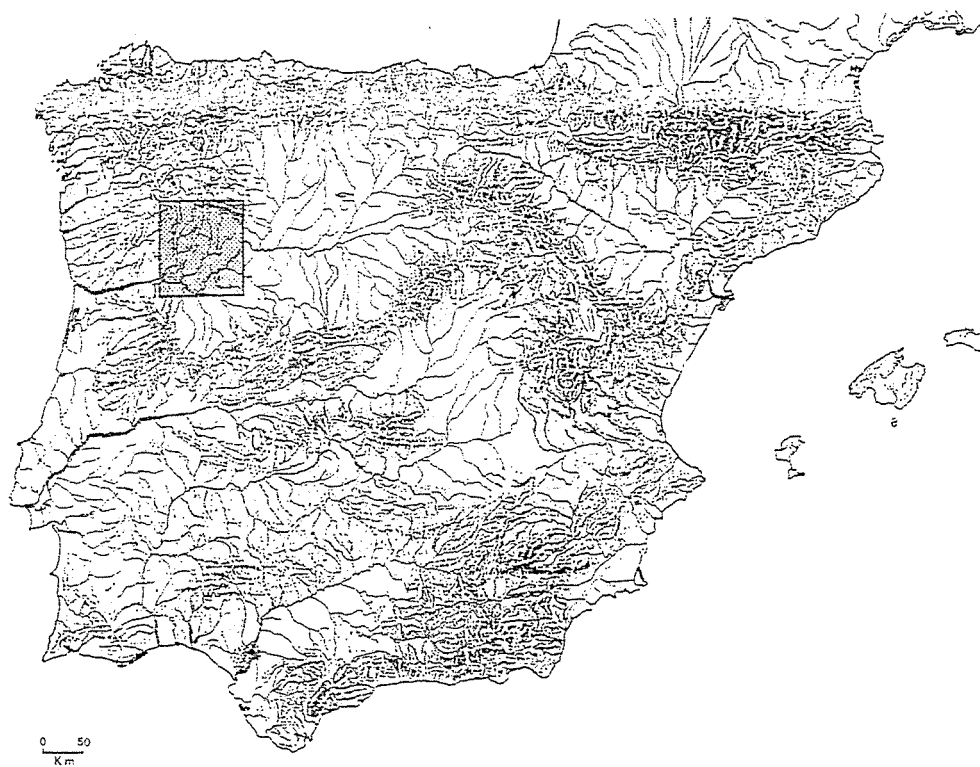
densidade de sítios, quiçá um crescimento populacional. Estabelece-se uma rede hierarquizada de *habitats*: *vici*; *mansiones*; aglomerados rurais (aldeias); castros romanizados; povoados mineiros; *villae*; casais rurais (LEMOS 1993a, 382-430). Os indicadores cronológicos disponíveis revelam que este processo de mutação não foi progressivo, mas porventura mais rápido e dinâmico do que habitualmente se supõe, ou se admite. O numerário da dinastia júlio-claudiana é o mais abundante; a distribuição de terra sigillata hispânica de boa qualidade (segunda metade do século I), não se restringe aos lugares centrais. Designadamente a fundação da *villa* da Fonte do Sapo (Penas Róias- Mogadouro), deverá ter ocorrido na primeira metade do século I, de acordo com materiais cerâmicos (LEMOS e MARCOS 1984, 143-147). Desconhecemos se o proprietário desta *villa* seria indígena ou colono romano. Todavia, num outro local próximo, denominado Casarelhos, que supomos ter sido uma *villa*, foi achada uma placa funerária, de excelente granito e texto cuidadosamente gravado, provavelmente destinada a ser inserida na parede de um mausoléu. A onomástica desta placa é indígena (*Aelia Crispina*, filha de *Terentia Reburina*) (MACHADO 1963, 246-251; MOURINHO 1988, 121).

Esta ruptura com o modo de vida tradicional, baseado num sistema agro-silvo-pastoril, a passagem para uma agricultura e economia de mercado, não parece ter tido repercussões negativas na estrutura social e coesão simbólica do povo zoela. O velho pacto (*tabula* de Astorga), é renovado em 27 d. C. e em 152 d. C. O sistema de *gentilitates* mantém-se, pelo menos a nível do exercício do poder. Embora, não seja demais destacar o significado do pacto de Astorga, este seria por si só insuficiente para atestar a persistência da identidade deste povo, no quadro da romanização. Ora a epigrafia votiva e funerária reforça tal hipótese.

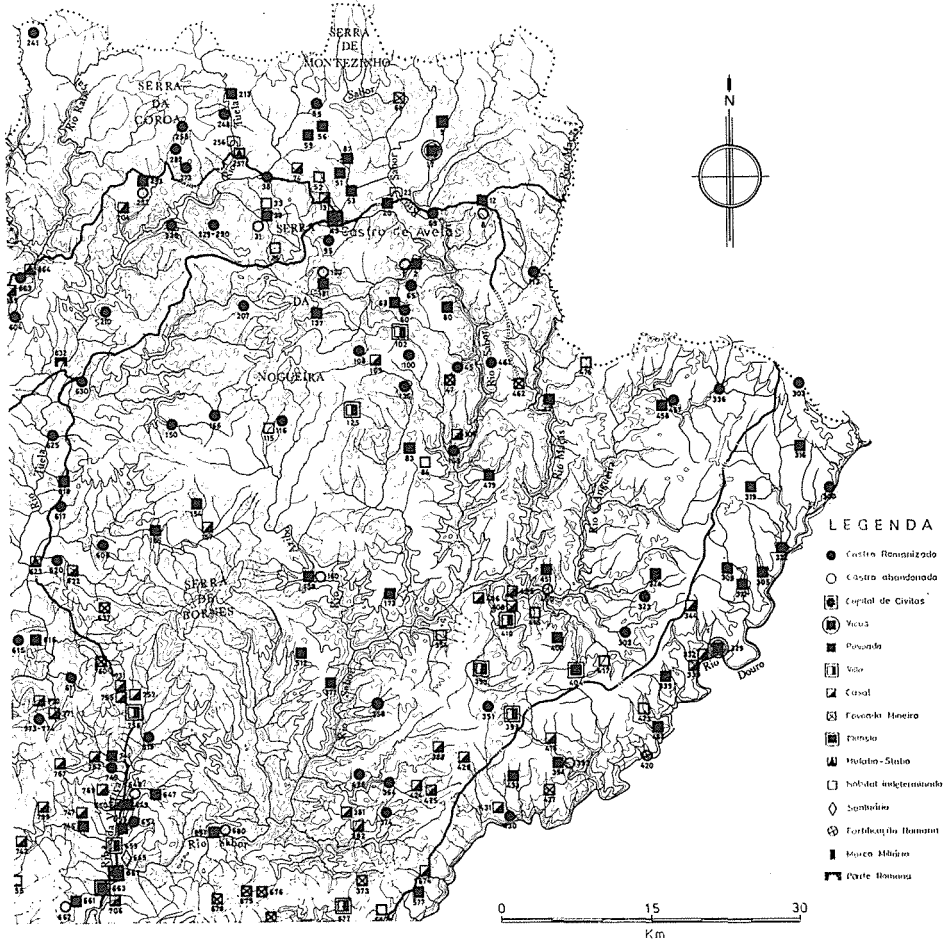
Reconhece-se a existência de uma divindade tutelar dos Zoelas, o já citado deus *Aernus*. Além de *Aernus* apenas se registam duas outras divindades indígenas: *Bandua* (duas aras) e *Laesus* (uma ara). Este último teónimo relaciona-se com dois antropónimos frequentes nas Astúrias: *Balaesus* (UNTERMANN 1965, 67) e *Elaesus* (UNTERMANN 1965, 109). As aras inseríveis no panteão romano circunscrevem-se ao culto a Júpiter e são em número muito limitado, considerando a extensão do território ocupado pelos Zoelas (apenas quatro). Pelo contrário, as estelas funerárias, assaz numerosas (mais de três centenas), destacam-se, no quadro da Península Ibérica, não só pela quantidade, como também pelo seu estilo e estrutura simbólica. Em termos de número de estelas funerárias é uma das áreas da Península com maior incidência de achados, apesar de se tratar de uma área rural e periférica. Tal incidência, já reconhecida no mapa organizado por Jurgen Untermann (1965, 18), confirma-se pela constante descoberta de novas lápides. A epigrafia votiva e funerária dos Zoelas revela-nos os agentes humanos que dirigiram o processo de mutação económica: magistrados da *civitas*, como será o caso do nome registado numa ara funerária de Castro de Avelãs: *Proculus Gracili*;

BIBLIOGRAFIA

- ABÁSULO, J. A. e GARCÍA ROZAS (1990) - Sobre las estelas Zamoranas y su ornamentación, *Actas del Primer Congreso de Historia de Zamora*, 2, pp. 545-560.
- ALARCÃO, Jorge (1988a) - *Roman Portugal*, 1, Warminster.
- (1988b), *Roman Portugal*, 2, Warminster.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1988) - Tessa Hospitalis de Montealegre de Campos (Valladolid), ed. Balil Illiana e Martin Valls, *Monografías del Museo Arqueológico de Valladolid.*, 6, pp. 22-30.
- ALVES, Francisco M. (1911-1947) - *Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança*, 11 volumes.
- BALIL, ALBERTO; PEREIRA MENAUT G., e SANCHEZ-PALÊNCIA RAMOS (1991) - TABULA IMPERII ROMANI HOJA K-29: PORTO, Instituto Geográfico Nacional, Madrid.
- BOYER-KLEIN, A. (1987) - Análisis palinológico de muestras recogidas en "El Cerco", *Los Castros del Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*, ed. A Eparza Arroyo, Zamora.
- CROUZEL, F. (1987) - Restos de Fauna, *Los Castros del Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*, pp. 395-396.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (1975) - Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal, Lisboa, 334 p.
- ESCRIBANO VELASCO, C. (1990) - Contribución al estudio de la Edad del Hierro en el noroeste de Zamora, *Actas del Primer Congreso de Historia de Zamora*, 2, pp. 211-224
- ESPARZA ARROYO, Angel (1987) - *Los castros del Edad el Hierro del Noroeste de Zamora*, Diputación de Zamora, Zamora.
- (1990) - La Edad del Hierro em Zamora, *Actas del Primer Congreso de Historia de Zamora*, 2, pp. 121-126.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, M. C. (1986) - Las Unidades Organizativas Indígenas del área Indo-Europea, *Veleia*, (anexo), Vitoria.
- HUBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinorum*, Berlim.
- LEMOS, F. S. (1993a) - *O Povoamento de Trás-os-Montes Oriental.-Síntese*. (tese de doutoramento), 3 volumes, Braga.
- (1993b) - *O Povoamento de Trás-os-Montes Oriental-Catálogo* (tese de doutoramento), 2 volumes, Braga.
- LEMOS, F.S. e MARCOS, D. (1985) - O Habitat romano da Fonte do Sapo - Penas Róias (Mogadouro), *Cadernos de Arqueologia*, 2ª série, 1, pp. 143-147.
- LOMAS SALMONTE, Francisco J. (1989) - *Asturia prerromana y alto-imperial*, Silverio Cañada Editor, Gijón.
- LE ROUX, P. (1993) - Deus Aernus: C.I.L., II, 2607=5651 Reconstitue, *Conimbriga*, (no prelo).
- LOPO, Albino Pereira (1987) - *Apontamentos Arqueológicos*, IPPC, Braga.
- MACHADO, C. M. (1963) - A lápide de Casarelhos, *Lucerna*, 3, Porto, pp. 246-251.
- MOURINHO, A. M. (1988) - Epigrafia Latina aparecida entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal, *Brigrantia*, 6 e 7, pp 3-34; pp. 101-133.
- PINHEIRO, H. (1989) - Duas inscrições romanas inéditas, *Revista de Guimarães*, 6 (2), pp. 53-57.



Trás-os-Montes Oriental no Quadro da Península Ibérica.



Povoamento Romano.